

Editor: Carlos Marcelo
pensar@correioweb.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

Vertigem LÚDICA

Sem pedantismo, Athos Bulcão singularizou Brasília ao fazê-la uma cidade que afronta a ilusão do moderno e favorece a construção de novas identidades

SÉRGIO MORICONI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Confrontados com o desaparecimento do artista plástico Athos Bulcão (1918-2008), somos levados a pensar na importância indelével de sua obra para a construção da identidade visual de Brasília. Haveria Brasília – sua representação no nosso imaginário – sem os azulejos e os painéis de complementação arquitetônica de Athos Bulcão? Reiteramos aqui um exemplo didático e sempre lembrado: se as calçadas de Copacabana são o Rio de Janeiro, os pombos representando o Divino Espírito Santo da fachada exterior da Igrejainha Nossa Senhora de Fátima são Brasília. Muitas vezes são os artistas que definem e singularizam as cidades. A holandesa Delft não seria Delft sem o vermelho de seus telhados imortalizados nos quadros do pintor Vermeer, assim como a portuguesa Porto não seria Porto sem a azulejaria azul de suas igrejas.

As cidades não existem apenas como uma geogra-

fia concreta de ruas, casas etc. As cidades são construções imaginárias, simbólicas, repletas de mitos coletivos ancestrais e, ainda, têm diferentes significados para cada um dos indivíduos que nela habitam. O que pensar então de uma cidade como Brasília, projeto modernista tão antagônico aos modelos de uma Ouro Preto ou de um Rio de Janeiro, ou de qualquer outra cidade que já tivéssemos visto ou conhecido? Citamos essas duas capitais porque elas foram, em seu tempo, cada uma a sua maneira, importantes irradiadores de cultura, de comportamento e da imagem que os brasileiros fazem de sua história e tradição. Aqui, a nossa experiência como moradores não pode estar dissociada dos nomes de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Athos Bulcão, portanto de um projeto de transformação dessa mesma história e tradição.

Athos contribuiu para fazer desta cidade uma vertigem lúdica, a-histórica (a despeito do projeto modernista de Brasília ser historicamente determinado). Sua obra afronta os paradoxos e a ilusão do moderno. Algumas décadas atrás o filósofo norte-americano Marshall Berman, famoso por seus vários textos sobre arquitetura e urbanismo, veio fazer uma visita a Brasília. Diante do Teatro Nacional, quando lhe perguntaram o que via, ele respondeu: "vejo as ruínas de amanhã". Berman fazia refletir sobre a transitoriedade do moderno e nem sequer mencionou os originalíssimos cubos da lateral do Teatro. A afirmação de Berman dá ainda mais o que pensar quando especulamos sobre afinal o que é moderno em arquitetura e em Brasília em particular.

Num dos capítulos de seu livro *Rio das Flores*, o escritor português Miguel Souza Tavares faz confrontar, na forma de um diálogo platônico, semelhante ao que encontramos em *O Banquete*, de Mario de Andrade, os pensamentos de dois convivas de um jantar sobre o que seria o moderno

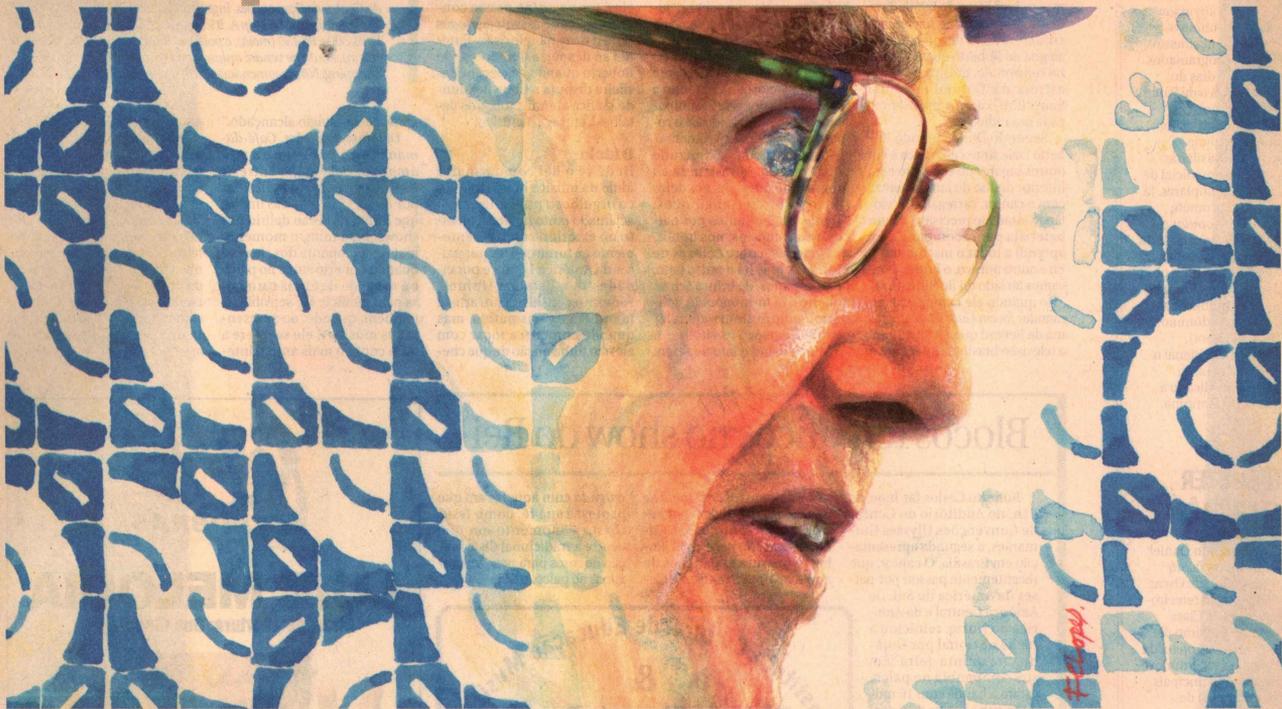
na pintura e na arquitetura. Um deles argumenta que é difícil dizer o que é moderno na arquitetura, ao contrário do que ocorre na pintura. Os pintores renascentistas, sustenta, não são modernos, mas são para toda a eternidade. Daí para trás, ele prossegue, sim, seria difícil falar moderno "quando pensamos em todas aquelas virgens, anjos e santos da pintura medieval". Mas, na arquitetura, por exemplo, "haverá alguma coisa mais moderna do que uma pirâmide"?

A pirâmide do Teatro Nacional com seus cubos exteriores é um dos mais eloquentes emblemas do projeto modernista de Brasília. Com seu jogo de luz e sombra, os cubos exteriores projetados por Athos Bulcão dão leveza e transfiguram o sentido do modelo arquitectónico das construções egípcias que serviam como sepulturas reais da construção. Há, como em tudo o que Athos fez, um impulso livre e novo da forma. A negação e afirmação simultâneas da tradição, dos conteúdos cristalizados. Na essência, um afastamento bem humorado do peso da tradição.

▶ "A pirâmide do Teatro Nacional com seus cubos exteriores é um dos mais eloquentes emblemas do projeto modernista de Brasília. Com seu jogo de luz e sombra, os cubos exteriores projetados por Athos Bulcão dão leveza e transfiguram o sentido do modelo arquitectónico das construções egípcias que serviam como sepulturas reais da construção"

Como suas máscaras arqueológicas – "falsa arqueologia" inspirada nas máscaras carnavalescas (!) -, a obra de Athos como um todo favorece a construção de novas identidades. Isso sem abdicar do diálogo com nossos arquétipos mais fundamentais. A maneira lúida por como Athos sugere a aplicação de seus azulejos são uma metáfora de sua contribuição e espírito. Ele facultava aos operários a combinação das formas. Sua única recomendação era para que esses azulejos combinados jamais formassem círculos ou figuras geométricas. Eles deviam permanecer fragmentos de figuras soltas no ar. Para nós, submetidos a sua arte, não deixa de ser uma baita lição de vida.

SÉRGIO MORICONI É JORNALISTA E CRÍTICO DE CINEMA, DIRETOR DO CURTA-METRAGEM *ATHOS* (1998)



O mais antigo de meus amigos

ANA MIRANDA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Os pássaros de vidro que cobrem a igrejainha Nossa Senhora de Fátima, as geometrias nas paredes do aeroporto, os murais por todo lado, os "cubos" do Teatro Nacional feitos de volume e luz, as formas requintadas, limpas, intuitivas, racionais, puras, pueris, plenas, leves, fazem parte do cotidiano de Brasília, colorem a cidade e pertencem a todos. Athos Bulcão trabalhou para nós. Assim como tantos gênios, ele escolheu uma experiência de alteridade. No entanto, para quem o

conheceu e amou, como eu, em cada um dos azulejos que um operário pregava de cabeça para cima ou para baixo, em cada traço, em cada linha, em cada volume ou cor da obra de Athos, estão desenhadas a sua personalidade e a sua alma. Feitas de beleza, grandeza, dignidade, elegância.

O trabalho de Athos compõe palácios, escolas, creches, edifícios, hospitais, está nas ruas, na paisagem, no cotidiano, são divisórias, muros, paredes, anúncios luminosos, pontos de ônibus, portas, que pregam uma nova concepção artística, presenteada aos que vivem em Brasília. Sua arte socializada torna mais humana

uma arquitetura que teve a sensibilidade de convocar Athos como eterno parceiro para a criação de uma das cidades mais belas do mundo. Lá se foi o mais antigo de meus amigos. Conheci-o quando eu tinha 7, 8 anos de idade, ele era meu vizinho de quadra. Sua doçura, alegria, afetuosidade, inteligência, seus dedos recortando cartolina, sua mesa repleta de tintas, canetas, papéis, sua camisa xadrez, seus olhos meigos, seu sorriso, jamais esquecerei.

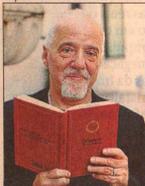
AUTORA DE LIVROS COMO BOCA DO INFERNO E NOTURNOS, ANA MIRANDA ESCREVE QUINZENALMENTE PARA O CORREIO

OBITUÁRIO

WALTER PEREIRA, SAMBISTA, 83 ANOS

Compositor de sambas-enredos do carnaval carioca, Walter Pereira, o Gibi, morreu na noite de quinta-feira, de falência múltipla dos órgãos, no Hospital Estadual Aloísio Castro, no Humaitá. Zona Sul do Rio de Janeiro. Ele tinha 83 anos. Entre os sambas compostos por Gibi estão *Ziriguaidum 2001*, com o qual a Mocidade Independente de Padre Miguel foi campeã do carnaval de 1985, e *Tupinicópolis*, de 1987, da mesma escola. O enterro, ontem à tarde, no cemitério São Francisco Xavier, foi acompanhado por parte da bateria da Mocidade.

Eloy Alonso/Reuters



LITERATURA

BEST-SELLERS NA BIENAL

A 20ª Bienal Internacional do Livro, que começa no dia 14, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo, chega pautada por números altos: 800 mil visitantes, mais de 2,2 milhões de obras, uma nova atividade a

SHOW DEDÉ, O MAIS ANTIGO INTEGRANTE DA BANDA DE ROBERTO CARLOS, FALA DOS 46 ANOS DE AMIZADE COM O MAIOR ÍDOLO DA MPB

IRMÃO CAMARADA

IRLAM ROCHA LIMA

DA EQUIPE DO CORREIO

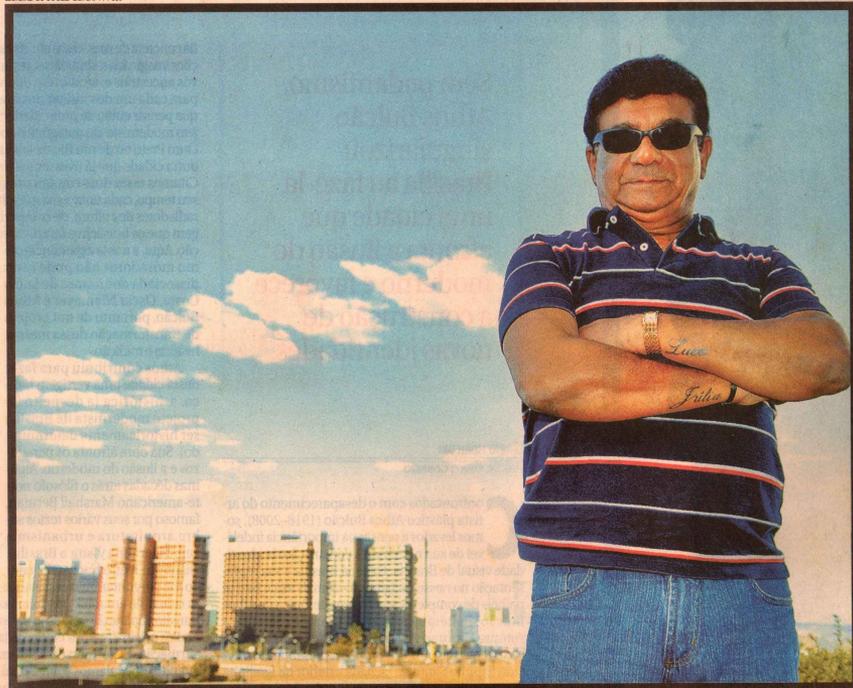
Encontro fortuito, no começo de 1962, no centro do Rio de Janeiro, entre um jovem cantor em início de carreira, e um adolescente, foi o ponto de partida da amizade que dura até hoje. O candidato a artista ia muito à Tijuca, à época o pacato bairro em que morava o garoto imberbe. Eles não se conheciam, embora frequentassem a Rua do Matoso, que se tornou famosa por ser o lugar onde se reunia uma turma que fez fama na música brasileira.

Anderson Marques, o adolescente de então, que se tornaria conhecido como Dedé, guarda na memória detalhes daquele encontro, ocorrido há 46 anos. "Eu estava em pé, ao lado da minha namorada e da irmã dela, na frente de um de um prédio, quando se aproximaram dois cabeludos. Eles conheciam a minha cunhada e pararam para conversar com ela. Afomos apresentados." Os dois cabeludos eram o futuro ídolo Roberto Carlos e Renato Barros, que viria ser líder do grupo Renato e Seus Blue Caps.

De carona

Mesmo sendo menor de idade, Dedé costumava dirigir o carro da pai. Naquela tarde, já enturmado com Roberto, foi levado à Avenida Gomes Freire, local da residência do novo amigo. "A partir dali dei muitas caronas para ele, principalmente quando, com o primeiro disco debaixo do braço, ia calituar (divulgar) suas músicas em programas radiofônicos de Jair de Lau-

Zuleika de Souza/CB/DA Press



O PERCUSSIONISTA DEDÉ, QUE ACOMPANHA O REI NOS PALCOS E VIAGENS, GOSTA DOS BATE-PAPOS COM O CANTOR: "ROBERTO É BEM-HUMORADO E SOLIDÁRIO"

metade da década de 1960."

Quando Roberto convocou outros músicos para formar o RCT, Dedé continuou sendo o baterista, posto que ocupou du-

torcedores de clubes arqui-riuais do futebol carioca faz com que tenham momentos de discussão. "Torço pelo Flamengo e ele é um vascaíno pouco con-

ROBERTO CARLOS

Show do cantor e compositor hoje, às 21h, no Auditório Master do Centro de Convenções. Ingressos: poltrona golden, R\$ 500 e R\$

Internacional do Livro, já entomado com Roberto, foi levado à Avenida Gomes Freire, local da residência do novo amigo. "A partir dali dei muitas caronas para ele, principalmente quando, com o primeiro disco de braço, ia caituiter (divulgar) suas músicas em programas radiofônicos de Jair de Taumaturgo, Carlos Imperial e Charinhã", revela. "Recordo-me da alegria do Roberto quando *Parei na contramão*, música do LP de estória na Columbia (atual Sony/BMG) começou a ser tocada nas rádios."

Segundo Dedé, quando Roberto fazia shows em circos e em outros lugares no subúrbio e no interior do Rio de Janeiro, ele ia com o cantor, carregando o violão. "Como ele precisava de uma bateria para acompanhá-lo, aprendi a tocar o instrumento. Eu e outro músico, o Bruno, estávamos ao lado do Roberto no RC Trio quando ele começou a comandar *Jovem Guarda*, o programa da Record que revolucionou a televisão brasileira na segunda

metade da década de 1960."

Quando Roberto convocou outros músicos para formar o RC7, Dedé continuou sendo o baterista, posto que ocupou durante vários anos, até passar a cuidar da percussão. Entre os 16 integrantes da atual banda do Rei, ele é o único remanescente da formação original. "Tenho a maior honra por estar acompanhando o meu amigo desde o começo da carreira dele", comenta.

Para o músico, a amizade com Roberto, "construída ao longo de 46 anos", fazem deles irmãos não-consangüíneos. "Temos estado juntos nos palcos, nos camarins, nos hotéis, nas viagens, como colegas de profissão. Mas há o outro lado, de bate-papos, de brincadeiras. Roberto é bem-humorado, solidário, sempre atento em relação à sua equipe", revela.

Nem mesmo o fato de serem

O PERCUSSIONISTA DEDÉ, QUE ACOMPANHA O REI NOS PALCOS E VIAGENS, GOSTA DOS BATE-PAPOS COM O CANTOR: "ROBERTO É BEM-HUMORADO E SOLIDÁRIO"

metade da década de 1960."

torcedores de clubes arqui-rivals do futebol carioca faz com que tenham momentos de discussão. "Torço pelo Flamengo e ele é um vascaíno pouco convicto. Não é de assistir aos jogos de seu time na televisão. Futebol só desperta o interesse do Roberto quando a Seleção Brasileira disputa a Copa do Mundo. Afíca atento a todos os detalhes", entrega o músico.

O ídolo
Dedé vê o Rei como o maior ídolo da música brasileira. "Fico orgulhoso por vê-lo sendo aclamado tanto no Brasil quanto no exterior, como recentemente na turnê que fez por países da América Latina e por cidades dos Estados Unidos. Sempre o considerei um artista talentoso e carismático, mas quando comecei a tocar com ele não tinha noção de que che-

ROBERTO CARLOS

Show do cantor e compositor hoje, às 21h, no Auditório Master do Centro de Convenções. Ingressos: poltrona golden, R\$ 500 e R\$ 250 (meia); poltrona vip A, R\$ 400 e R\$ 200 (meia); poltrona vip B, R\$ 300 e R\$ 150 (meia); e poltrona superior, R\$ 240 e R\$ 120 (meia). Ponto de venda: quiosque na garagem G1 do Brasília Shopping. Não recomendado para menores de 16 anos.

grante a esse estágio alcançado."

Detalhes, Emoções, Café-da-manhã e Como é grande o meu amor por você estão entre as canções de Roberto preferidas por Dedé. "São músicas lindas, que levam os fãs ao delírio nos shows. Para mim, o momento mais emocionante dos shows é quando Roberto surge no palco e é recebido de forma carinhosa pelo público. Me sensibilizo, também, quando, ao apresentar os músicos, ele se refere a mim como o mais antigo inte-

grante da banda."

Na equipe de Roberto Carlos, há outro remanescente da época da Jovem Guarda, sobre o qual Dedé fala com carinho, o gerente de produção Genival Barros. "Esse corintiano, nascido na Paraíba, é um grande cara. Competente e extremamente profissional, cuida de todos os detalhes da produção dos shows, facilitando a vida da equipe. O fato de sermos todos amigos, contribui, também, para o sucesso das apresentações do Roberto."

ARQUITETURA

NIEMEYER EM INGLÊS

O arquiteto Daniel Manguera falará sobre a obra de Oscar Niemeyer no terceiro encontro do Class Tour, no próximo dia 9, às 11h. O projeto, da escola Influx, promove visitas aos principais monumentos de Brasília, guiadas por professores de inglês, que estimulam a conversação entre os participantes. Desta vez, a visita será ao Museu da República, na Esplanada dos Ministérios. A atividade é gratuita e aberta a qualquer pessoa com mais de 8 anos, que tenha pelo menos nível intermediário em inglês. Para participar, é necessário fazer inscrição previamente, pelo telefone 3344-2020.

Blocos temáticos no show do Rei

Roberto Carlos faz hoje, às 21h, no Auditório do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, a segunda apresentação em Brasília. O cantor, que recentemente passou por países da América do Sul, da América Central e da América do Norte, reiniciou a turnê nacional por Goiânia, na quinta-feira. Em sua companhia no palco, estará a banda com 16 músicos, sob a batuta do maestro Eduardo Lage.

No roteiro do espetáculo há músicas de diferentes fases de Roberto, divididas em blocos temáticos. Inicialmente, ele interpreta clássicos de sua obra, entre os quais *Como é grande o meu amor por você*, *Detalhes* e *Outra vez*. Em seguida, um medley com as chamadas "canções ingênuas": *Não quero ver você triste*, *Eu estou apaixonado*, *Aquele beijo* e *Spish splash*.

Um pot-pourri de sucessos que fazem referência a carros e velocidade vem na seqüência e inclui *Eu sou*

terrível. As curvas da estrada de Santos, 10, 150, 200km por hora, *Parei na contramão* e *Calhambeque*. Na parte final, Roberto mistura as canções de apelo erótico *Proposta* e *Ca-*

valgada com aquelas em que professa sua fé, como *Jesus Cristo* - momento em que ocorre a tradicional distribuição de rosas para pessoas próximas ao palco. (IRL)

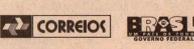
Instituto Cultural de Educação Musical & Clube do Choro de Brasília

Apresentam

Projeto "PRATA DA CASA"

CLODO FERREIRA

Dia 02 de agosto de 2008, às 21:45h
Local: Clube do Choro de Brasília (ao lado do Centro de Convenções)

Apoiar:    

Patrocínio:   

Informações: 61 3224-0599

Não recomendado para menores de 14 anos

MPB PETROBRAS

LUIZ MELODIA

Show de abertura: Duo Mandrágora



6 e 7 de agosto, às 21 horas
Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional

Ingressos: R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia).
Vendas na bilheteria do Teatro. Informações: 3325-6240 | 3325-6256
Não compre ingressos de cambistas.

Realização:  Produção Local:  Patrocínio:   Apoio:  

MARCELO MANGUEIRA

16